

Igor Fernandes Viana de Oliveira

Essas “odiosas distinções sociais”: *Os sofrimentos do jovem Werther* e as transformações no espaço público - século XVIII¹

Graduando em História,
Universidade Federal
Fluminense
igor_fenan@hotmail.com

Resumo

No presente artigo, utilizaremos o livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, de J. W. Goethe, publicado pela primeira vez em 1774, para refletir sobre algumas questões relativas às transformações operadas no espaço público no século XVIII. Buscando contribuir para a compreensão desse abrangente processo social através de uma análise histórica de uma obra literária, exploraremos como a emergência de uma nova sociabilidade, apontada na obra de alguns autores, e manifesta em diferentes domínios sociais naquele período, aparece de alguma forma dimensionada no citado livro. Para isso examinaremos, particularmente, o próprio formato da obra, alguns conceitos mobilizados e as situações narradas pela mesma.

Palavras-chave: Goethe, Século XVIII, Espaço-público

Abstract

In this article, we are going to analyse the book *Os sofrimentos do jovem Werther*, de J. W. Goethe, published for the first time at the year of 1774, to reflect about some questions related to the transformation of public space during the XVIII century. Aiming to contribute to a comprehension of this social process due an historical analysis of a literary work, exploiting some aspects such as the emergence of a new sociability, according to some authors. Therefore, particularly, we will examine the shape of the masterpiece, some concepts and the situations narrated during the text.

Enviado em 05 de
setembro de 2008 e
aprovado em 21 de
outubro de 2008.

Keywords: Goethe, Nineteenth century, Public-space

1. Bolsa de Doutorado financeira. Agradeço a Guilherme Pereira das Neves, cujas instigantes aulas inspiraram este texto.

Introdução

No presente artigo, utilizaremos o livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, de J. W. Goethe, publicado pela primeira vez em 1774, para refletir sobre algumas questões relativas às transformações operadas no espaço público no século XVIII. Exploraremos, particularmente, como a emergência de uma nova sociabilidade, apontada na obra de alguns autores (PALLARES-BURKE, 1995; DARNTON, 1996; VENTURI, 2003), e manifesta em diferentes domínios sociais naquele período, aparece de alguma forma dimensionada no citado livro.

A temática vem sendo contemplada por uma série de pesquisas recentes que tomaram como objeto a crescente circulação de periódicos e jornais e a emergência de novas linguagens político-culturais observadas no período.² Buscando dialogar com a reproblemática da análise e com o investimento em novas leituras propostas por essa linha de pesquisa, buscamos contribuir para a compreensão das transformações no espaço público em meados do século XVIII através de uma análise histórica de uma obra literária.

Nesse sentido, a literatura pode emergir como uma importante fonte para a pesquisa histórica através de uma análise socialmente interessada e atenta às especificidades da mesma.³ A configuração das obras, o aparato conceitual mobilizado, ou mesmo as situações narradas no decorrer dos textos, podem oferecer ao historiador, tomados os devidos cuidados com a particularidade de sua fonte de pesquisa, um rico material para refletir sobre as diversas transformações expressas nas sociedades humanas.⁴

As formulações em torno da história das idéias/cultural se distanciaram nas últimas décadas de uma concepção que postulava a relação instrumental entre os textos históricos e a realidade social, o que alargou as possibilidades de exploração pelos historiadores de fontes literárias. Em determinadas abordagens, procurou-se enfatizar a intervenção dos autores no contexto intelectual como uma *efetuação* situada no âmbito de linguagens históricas específicas, e, portanto, a partir de determinado uso da língua/cultura (POCOCK, 2005). Por outro lado, outra modalidade de análise buscou reproblematicar as relações entre as obras produzidas e a realidade social, chamando atenção à densidade da estrutura de significados e conceitos subjacentes aos textos que podem mesmo dinamizar ou reinstaurar experiências históricas (KOSELLECK, 2006). No campo do marxismo, por sua vez, Raymond Williams (2000) contribuiu de forma decisiva para evitar uma separação estanque entre experiências sociais e obras artísticas, buscando explorar as complexas ressignificações e tensões envolvidas na própria estrutura formal e narrativa das obras – que não autorizam a fixação do texto pelo pesquisador por categorias demasiadamente abstratas, como literatura burguesa. Nesse sentido, as ênfases concedidas à efetuação lingüística, à densidade conceitual presente nos textos históricos, ou mesmo às tensões semânticas que marcaram a estruturação formal e narrativa das obras, acabaram por distanciar a pesquisa de uma concepção da *literatura* como reflexo unilateral de determinados processos sociais, ressaltando a percepção dessas duas dimensões de forma mais dinâmica e intercambiável.

Na presente reflexão enfatizamos principalmente a dimensão *interna* do texto abordado em detrimento de suas condições *externas* de produção, tais como os debates intelectuais e a maneira como se deu a intervenção do escritor em um determinado contexto de idéias (PONTES, 1997: 57-69). Desta maneira, analisamos a obra buscando principalmente discutir o universo de significados e conceitos inscritos em sua dimensão formal e narrativa, ao contrário de nos atermos mais especificamente à ação lingüística efetuada por J. W. Goethe no debate intelectual europeu

2. Entre os exemplos do avanço nessa linha de pesquisa no Brasil estão os trabalhos de Marco Morel (2005) e Lucia Maria Bastos Pereira das Neves (2002).

3. Pierre Boudieu (2002) chama a atenção para a desnaturalização a que deve proceder o pesquisador ao lidar com uma fonte histórico-literária, uma vez que existe a tendência a sacralizar esse tipo de produção de acordo com a definição que os próprios sujeitos atribuem ao *campo* artístico/intelectual. Por isso, devemos estar atentos às dimensões sociais inscritas neste tipo específico de prática cultural.

4. Para uma discussão teórica sobre a análise histórica de obras literárias ver Adriana Facina (2004).

e/ou o seu diálogo com outros intelectuais da época. Não obstante a importância desse último ponto, acreditamos que o debate se processou de modo a tornar inviável qualquer aproximação ingênua quer do *campo* quer do *texto*, sendo a dimensão hermenêutica interna aos textos, um momento fundamental no encaminhamento da análise histórica.

Certamente as proposições de Reinhart Koselleck (1999), em *Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês* – acerca da constituição do foro interior *moral* a partir do pressuposto histórico do desenvolvimento do Estado Absolutista – foram essenciais para as questões levantadas sobre a emergência das novas experiências de sociabilidade e transformações observadas no espaço público a partir do século XVIII. Apropriar-nos-emos, mais especificamente, do tópico em que o autor se aproxima do contexto intelectual alemão para explorar a relação entre o *teatro* desenvolvido por Friedrich Schiller e a crítica burguesa mais abrangente efetuada pelo movimento Iluminista (KOSELLECK, 1999: 75-88).

Werther e a “nova” sociabilidade

Os sofrimentos do jovem Werther é considerada uma das mais importantes obras de J. W. Goethe, principalmente pela dimensão social que adquiriu e pela representatividade em relação ao movimento intelectual alemão do final do século XVIII. Exatamente por estes aspectos, a obra já foi extensamente abordada pelos mais diferentes autores e pelas mais diversas “escolas” intelectuais. Resumidamente, a história trata das experiências de um jovem entre 1771 e 1772 que, através de sucessivas frustrações com a vida, principalmente a amorosa, comete o suicídio.

Para os objetivos deste trabalho, no entanto, nos encarregaremos sumariamente de interrogar a obra em função de sua relação com a sociabilidade burguesa emergida a partir de meados do século XVIII. As paisagens sociais por que caminha e as atitudes e relações que Werther vai experimentando ao longo da obra, além das transformações na própria recepção do texto por parte dos leitores, constituirão o cerne e o interesse fundamental das questões a serem abordadas. Exploraremos especialmente como essas dimensões se manifestam no *formato* do livro, em alguns *conceitos* abordados pelo mesmo e nas atitudes dos *personagens*, mediante a descrição de algumas passagens eleitas representativas.

O formato do livro

Um primeiro ponto a ser destacado é o próprio formato no qual a obra foi estruturada. Diferentemente da configuração convencional das obras literárias de meados do século XVIII, *Os sofrimentos do jovem Werther* busca representar uma série de escritos de Werther, principalmente cartas e fragmentos de anotações, organizados por um suposto “editor”, tal como eles foram realmente “escritos”. Transmite a idéia de que J. W. Goethe provavelmente conheceu Werther e que, impressionado com a sua particular trajetória de vida, o autor resolveu editar os seus escritos – apenas complementando-os com algumas passagens que ilustrassem o que não havia sido documentado.

Juntei cuidadosamente tudo quanto me foi possível recolher a respeito do pobre Werther, e aqui vos ofereço, certo de que mo agradeceis. Sei, também, que não podereis recusar vossa admiração e amizade ao seu espírito e caráter, vossas lágrimas ao seu destino.

E a ti, homem bom, que sentes as mesmas angústias do desventurado Werther, possas tu encontrar alguma consolação em seus sofrimentos! Que este pequeno livro te seja um amigo, se a sorte ou a tua própria culpa não permitem que encontres outro mais à mão. (GOETHE, 2002: 220).

Durante o decorrer da obra, J. W. Goethe reforça essa mesma operação intercalando trechos que corresponderiam aos escritos “reais” deixados por Werther, que seriam fruto de uma troca de correspondências com um amigo, Wilhelm, e passagens ilustrativas do “editor”, ele mesmo. No tópico, representativo desse intuito, intitulado *Do editor ao leitor*, apresenta o seguinte trecho:

Quanto eu desejaria que nos restassem a respeito dos últimos dias de nosso amigo, testemunhos firmados pelo seu próprio punho, de sorte que não me visse obrigado a interromper a série de cartas que ele nos deixou para completá-las com este relato.

[...] Nada mais temos a fazer, neste caso, senão narrar fielmente aquilo que os nossos reiterados reforços nos permitiriam saber, intercalando em nossa narrativa as cartas deixadas por Werther, sem desdenhar os apontamentos mais insignificantes encontrados em seus papéis. (IDEM: 316)

Como conseqüência deste procedimento, o livro sugere um esforço para instituir um novo tipo de relação entre o escritor e o leitor. Não bastava ao leitor se direcionar ao livro da forma tradicional. Como é sugerido pelos trechos acima destacados, o texto deveria guardar uma relação mais imediata com a vida cotidiana e pessoal de seus leitores, procurando, como um “amigo”, “consolar” seus próprios sofrimentos interiores.

Robert Darnton (1986) observa operação semelhante no romance *La Nouvelle Héloïse*, de Rousseau, publicado pela primeira vez em 1758. Também nesta obra, o romance se desenrola através da troca de cartas, só que neste caso entre dois amantes. Rousseau, no prefácio de uma das edições, insistia na “autenticidade” das cartas trocadas pelos dois amantes e na veracidade das experiências trocadas entre ambos: ler, viver e amar se tornavam coisas inseparáveis e mais próximas da realidade afetiva imediata dos leitores. Direcionava a sua literatura, nesse sentido, não à significativa formalidade presente no mundo político e social em meados do século XVIII, mas às mais íntimas, particulares e cotidianas vivências de seus leitores. Como pontualmente destaca Robert Darnton, Rousseau “exigia um novo tipo de leitura, cujo êxito seria proporcional à distância espiritual entre o leitor e a alta sociedade parisiense”, reforçando a formação de um perfil de leitor que “rejeitasse os valores dominantes na literatura e na sociedade” (DARNTON, 1986: 316).

Examinando essa significativa mudança de referência na constituição da leitura, Robert Darnton afirma que o processo ocorreu de maneira lenta à medida que os leitores reagiam aos textos e os escritores tencionavam novas linguagens, apesar da importância da mesma na configuração de uma “nova” sociabilidade, cristalizada em uma relação mais direta entre a literatura, o escritor e o leitor. O processo se desencadeou ainda no interior do Antigo Regime e teria colaborado para destacar um novo tipo de interdependência entre os intelectuais, como produtores culturais, e a população de maneira geral, mediada, entre outros, pela expressão literária. Nesse sentido, o livro de J. W. Goethe certamente colaborou para o processo acima mencionado. Temos nesse momento um reforço na idéia que ocupou um papel central na constituição do espaço público moderno e na emergência de novas sociabilidades, a partir principalmente do século XVIII: os leitores deveriam interagir e reagir com as obras em função de suas próprias experiências, em um movimento dinâmico de troca.

Pode-se acrescentar às considerações de Robert Darnton que a própria estrutura, por excelência, de livros desse gênero procura dimensionar essa nova sensibilidade que se articulava ao mundo literário no final do século XVIII. Além da idéia de “realidade” produzida pela obra, a própria organização do texto, feita majoritariamente através de cartas íntimas do jovem Werther endereçadas a um amigo que muito estima, amplia a visibilidade da *esfera interior* de seus personagens. O próprio formato do livro, supostamente organizado a partir de cartas íntimas de um jovem, abria espaço para retratar na literatura, experiências que talvez uma narrativa rigidamente estruturada não comportasse. São abundantemente retratadas as ações e os pensamentos relativamente *individualizados* dos personagens: comentários sobre as suas mais variadas relações sociais e situações

cotidianas, opiniões em relação às diferentes esferas da vida social; para além das vicissitudes do “mundo oficial” do Antigo Regime.

Natureza, sociedade e o “foro interior moral”

Se tomarmos as indicações de Reinhart Koselleck (1999) sobre a constituição e expansão do foro *moral* privado no interior do Estado Absolutista, a proposição acima mencionada ganha novo significado. O autor objeta como durante o desenvolvimento histórico do Estado Absolutista, desencadeado a partir do pressuposto das guerras religiosas do século XVII, processou-se uma diferenciação entre o foro interior, *moral*, dos súditos e o foro exterior, *político*, do Estado.⁵ Para Koselleck, o Iluminismo vai se constituir progressivamente a partir da expansão desse “foro interior”, na medida em que, dialeticamente, supera o problema inicial das guerras religiosas e, ao mesmo tempo, aponta para novas dimensões sociais.

É nesse sentido que o autor analisa a importante contribuição do desenvolvimento artístico para a constituição da opinião pública no século XVIII. Tal como a *franco-maçonaria* e a *república das letras*, o emergente teatro alemão, representado no livro pela obra de Friedrich Schiller⁶, fundamentava-se na expansão do “foro interior moral” desencadeada a partir do processo de *crítica*. O teatro deveria “abrir espaço entre os homens para o sentimento ‘de ser um homem’”. Com isso, Schiller traçava uma linha *conceitual* que separa deliberadamente dois diferentes domínios: um moral e um político, aparentemente amoral. Desta forma, “a fronteira entre palco e Estado, tratada de um ponto de vista atual e espacial, também deve ser pensada de um ponto de vista temporal, como substituição da antiga jurisdição por uma nova e mais justa”, expressa pela relação entre o teatro e a opinião pública (KOSELLECK, 1999: 89).⁷

Como destaca Koselleck, a divisão da realidade histórica em um reino da moral e um reino da política, tal como o Absolutismo havia constituído, é o pressuposto histórico da *crítica* efetivada pelo movimento Iluminista. Esse desenvolvimento caracterizava o mundo a partir de séries conceituais antagônicas – tais como razão e revelação, liberdade e despotismo, natureza e civilização, comércio e guerra, moral e política, decadência e progresso, luz e escuridão – com os quais o próprio século XVIII buscou se pensar.

Deve-se destacar que Goethe, além de ter escrito peças de teatro, também participou do mesmo movimento intelectual alemão de Friedrich Schiller. Contudo, não nos interessará a medida da participação desse escritor no debate político-intelectual, mas perceber como as questões acima abordadas, com ênfase no dualismo conceitual entre *natureza* e *sociedade* que colaboraram para a formação da opinião pública, foram, de alguma forma, retratadas no livro.

A natureza aparece representada na obra associada à exuberantes belezas naturais. Em grande parte dos primeiros momentos do livro, Werther se dedica exaustivamente a ressaltar as qualidades dos arredores da região em que se situa. Em alguns trechos, parece indicar a relação e a harmonia entre a *natureza* e suas forças *interiores*.

Minha alma inunda-se de uma serenidade maravilhosa, harmonizando-se com a das doces manhãs de primavera, que procuro fruir com todas as minhas forças.
(GOETHE, 2002: 222)

5. Essa operação pode ser sintetizada no seguinte trecho: “Diante do fórum de súditos, o soberano foi eximido de qualquer *culpabilidade*, mas coube a ele toda a *responsabilidade*. O súdito foi dispensado de qualquer *responsabilidade* política mas, em compensação, foi ameaçado de uma *dupla culpabilidade*: externamente, ao proceder contra os interesses do soberano; internamente, pela culpa que assalta a quem se recolhe no anonimato” (KOSELLECK, 1999: 23-24). grifos nossos.

6. Cf. SCHILLER, Friedrich (1759-1805), *Samtliche Werk, Sakularausgabe*, Stuttgart e Berlim, 1904 et seq.

7. Koselleck chega mesmo a afirmar: “(...) o dualismo da política e da moral, que se tornou evidente na obra de Schiller, está a serviço de uma crítica política, mas ao mesmo tempo constitui o pressuposto dessa crítica” (IDEM: 92).

Concentro-me e encontro um mundo em mim mesmo! [...] Tudo flutua vagamente nos meus sentidos, e assim, sorrindo e sonhando, prossigo na minha viagem através do mundo (IDEM: 227).

Ao longo do livro, passagens significantes parecem reforçar essa aproximação entre a natureza, os sentimentos interiores do personagem e a autenticidade. Referindo-se a uma cena simples que presenciou, Werther destaca a impotência até mesmo dos grandes artistas em captar essa sensibilidade expressa nas relações cotidianas das pessoas da região.

Só ela [a natureza] é infinitamente rica e só ela é capaz de formar os grandes artistas. Há muito o que dizer a favor das regras da arte, como a favor das leis da sociedade. Quem se forma segundo essas regras não produzirá nunca uma obra absurda, nem completamente ruim [...] toda regra destrói o verdadeiro sentimento e a verdadeira expressão da natureza. (GOETHE, 2002: 229)

No trecho destacado, *natureza* e *sociedade* aparecem como conceitos antagônicos e dualisticamente constituídos. A regra, tanto das artes quanto das sociedades, deturpa o que é, por si mesmo, natural e autêntico.

Diante de outra cena, em que conversa com um homem simples que confessa estar apaixonado por sua patroa, Werther reforça o mesmo sentimento em relação às situações cotidianas das pessoas da região:

Seria preciso repetir tudo isso palavra por palavra, para dar uma idéia da pureza desse afeto, do amor e fidelidade desse homem. Mais: seria preciso que eu tivesse os dons de um grande poeta para pintar a você, de modo eloqüente, a expressão de seus gestos, o som harmonioso da sua voz, o fogo interior que brilhava nos seus olhos. (GOETHE, 2002: 232)

Nesses termos, como foi explicitado no tópico anterior deste trabalho, o romance não objetiva retratar a sociabilidade do mundo político “oficial” ou mesmo as relações formais estabelecidas entre nobres famílias, mas iluminar uma sociabilidade “natural”, quase autêntica, entre homens comuns de uma região simples, o que era facilitado pela própria estrutura do livro.

Como é conhecida, esse relação entre natureza e autenticidade, em oposição à sociedade e formalidade, é desenvolvida por alguns autores iluministas – como é o caso de Rousseau em *O contrato social* e *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* –, dos quais J. W. Goethe parece se aproximar. Werther também associa, correntemente, essa autenticidade ao comportamento das crianças:

Quando observo nesses seres o germe de todas as virtudes, de todas as faculdades que um dia lhes serão necessárias: na sua teimosia entrevejo a futura constância e firmeza de caráter; nas suas garotices o bom humor que lhes fará vencer facilmente os perigos deste mundo. E tudo isso de modo tão puro, tão incontaminado! (GOETHE, 2002: 245)

Esse estado de expressividade e autenticidade buscado por Werther, parece ser levado às últimas conseqüência em algumas de suas falas. Em uma cena em que discutia com Alberto, noivo de sua amada, algumas questões “banais”, em meio à conversa, Werther aponta a arma que estivera manuseando à sua própria cabeça, levanto Alberto à indignação. Envolvem-se em uma discussão calorosa sobre atos desse vulto onde Werther rejeita absolutamente os princípios de justiça defendidos por Alberto: o amigo, em seus “ajustes”, não conseguia penetrar nas “circunstâncias ocultas de uma ação”. Quando afirma que o suicídio não passa de fraqueza, Werther responde com vivacidade:

Você chama isso de fraqueza? Peço-lhe, não se deixe levar pelas aparências! Um povo que geme sob o julgo de um tirano, você ousará acusá-lo de fraqueza se ele explode e rompe, afinal, as suas cadeias? (GOETHE, 2002: 264)

A discussão continua e Werther insiste que Alberto não consegue captar, com sua ênfase nos *costumes pré-estabelecidos*, o que “se passa no *espírito* de um homem”. Adverte que o “espírito humano” só suporta certo grau de pressão, “se ultrapassar esse ponto sucumbirá”. Os dois terminam sem chegar a um acordo e a discussão marca a relação entre os personagens a partir daí.

Como essa linha conceitual mobilizada pelo livro parece indicar, tal como no processo de *crítica* desencadeado pelo Iluminismo, existe a “incapacidade” da sociedade em canalizar e responder a essa autenticidade expressa na própria “natureza humana”, idéia essencial à formação de novas sociabilidades e também presente em outros autores iluministas. Como fica perceptível em algumas trechos do livro, a ênfase nas paisagens sociais e na dinâmica que ocorria no “espírito” interior dos homens por parte de Werther, se constituía em oposição a determinados comportamentos pré-estabelecidos, que não conseguiam alcançar ou captar as “circunstâncias das ações”. Tal como em Schiller, pode-se afirmar que também a literatura de J. W. Goethe, buscava “abrir espaço entre os homens para o sentimento ‘de ser um homem’” apontando para uma nova dinâmica de sociabilidade.

Werther e alguns personagens

Apontamos anteriormente como o próprio formato de *Os sofrimentos do jovem Werther*, constituído a partir de cartas e fragmentos de textos, possibilitou que o autor explorasse os pensamentos e ações íntimas dos personagens envolvidos. Também exploramos como na própria utilização de alguns conceitos durante a obra, como *sociedade* e *natureza*, ficava expressa a relação destes com a expansão do “foro interior moral”, sugerida por Reinhart Koselleck. Nesta parte do artigo, procuraremos sumariamente observar como a relação de Werther com alguns personagens indica, de maneira geral, o posicionamento de J. W. Goethe em relação à emergência de uma nova sociabilidade no século XVIII.

Deve-se destacar como nessa “expansão do foro moral”, sugerida por Reinhart Koselleck, as ações de Werther ao longo do romance não se situam unicamente em espaços circunscritos dedicados à expressão de seu “foro íntimo” – tal como associações secretas ou sociedades civis. Poderíamos mesmo afirmar que o personagem busca expandir essas impressões cotidianamente para além dos seus limites sociais privados. Contudo, na medida em que busca consolidar a sua relação com os outros personagens, deixando de lado as *distinções sociais* tradicionais, tem de se relacionar com as pessoas e com os costumes que orientam as suas ações. Observando esses episódios podemos explorar como a emergência da opinião pública experimentada no século XVIII aparece, de alguma forma, dimensionada no romance.

Os sofrimentos do jovem Werther está claramente dividido em duas partes. Em uma primeira, Werther chega de viagem a uma região interiorana e passa a travar relações com os habitantes da região. Como falamos acima, Werther valoriza muito os personagens com que consegue manter certa relação de intimidade e sinceridade expressas quase que naturalmente e independente, em alguma medida, da condição social dos mesmos. Logo no começo do livro esclarece melhor essa questão:

Bem sei que não somos todos iguais, nem podemos ser todos iguais; sustento, porém, que aquele que julga necessário, para se fazer respeitar, distanciar-se do que chamamos povo é tão digno de lástima como o covarde que se esconde à aproximação do inimigo, de medo de ser vencido. (GOETHE, 2002: 224)

Apesar de Werther reconhecer que os homens não podem ser todos iguais, rejeita o que chama de “distanciamento” como forma de estabelecer hierarquias sociais. Por isso, ao longo do livro, valoriza constantemente as pessoas que lhe confessam sentimentos com alguma sinceridade e expressam sinais de individualidade para além das relações formalmente estabelecidas.

Quando conhece Carlota, sua futura amada, Werther se impressiona como ela emite opiniões “naturais” sobre livros, gostando dos que retratam seu “mundo costumeiro” e de como ela dança “com todo o coração e com toda a alma”. O jovem passa a freqüentar a casa da moça e a relação que se estabelece entre ambos dimensiona bem o que valoriza acima de tudo, dimensões tão caras à constituição de outra forma de sociabilidade naquele período: as “boas” leituras, as conversas “sinceras” sobre os mais variados assuntos, a música tocada por Carlota no seu cravo, os passeios públicos pela região; tudo isso, podemos pensar, em um ambiente muito distante do mundo das “grandes artes” e da grandiosidade oficial das cortes européias.

A idéia aludida acima também aparece muito bem representada em um trecho em que Werther, Carlota e um casal de amigos discorrem sobre a negatividade dos comportamentos “pré-concebidos”:

Infeliz daquele que usa do seu poder sobre um coração para abafar as ingênuas alegrias que nele nascem espontaneamente! Todas as dádivas, todas as gentilezas deste mundo não compensam um só dos instantes em que possamos ser felizes por nós mesmos, se estes instantes forem envenenados pelo despeito de um tirano ciumento. (GOETHE, 2002: 249)

A trajetória de Werther transforma-se à medida que ele não consegue expressar e vivenciar, em toda a sua intensidade, essas relações. É no seu amor por Carlota que encontrará a mais difícil barreira. À medida que vai passando tempo ao seu lado, sem amá-la completamente, começa a viver um grande dilema: “[...] eu jamais ousei... você me compreende. Não meu coração não é assim tão corrompido! Ele é fraco, sim, bem fraco! E isto já não é corrupção?” (GOETHE, 2002: 254). Como não conseguia suportar esta situação, seu universo caminha cada vez mais para um estado psicológico desgastante, como é retratado no “Segundo Livro”.

O intenso sentimento do meu coração pela natureza em seu esplendor, sentimento que tanto me deliciava, transformando em paraíso o mundo que me cerca, tornou-se para mim um tormento intolerável, um fantasma que me tortura e me persegue. (GOETHE, 2002: 268)

Tentando livrar-se dessa situação aparentemente sem saída, Werther aceita, por sugestão do amigo com que se corresponde, Wilhelm, um emprego numa embaixada. Com efeito, apesar de abatido, Werther se dedica a estabelecer relações com outras pessoas. Amiga-se do “Conde de C...”⁸, com quem sentiu, “logo às primeiras palavras”, apesar das formalidades de sua posição, que se “compreenderiam bem” e que poderiam conversar “como não pode fazê-lo com todo mundo”. Já com o embaixador seu superior, prevê que ocorrerão muitos aborrecimentos: “É o idiota mais pontilheiro que se conhece, avançando passo a passo, formalista como uma solteirona”. Para o desânimo do jovem Werther, conhece mais pessoas parecidas com o embaixador do que com o “Conde de C...”; e mesmo em relação às pessoas que mais se aproxima, não consegue se relacionar da mesma forma em todos os espaços sociais.

O que mais me irrita são as odiosas distinções sociais. Reconheço, melhor que ninguém, a diferença das condições e as vantagens que a mim mesmo delas decorrem; desejava, entretanto, que elas não me embaraçassem o caminho

8. Os nomes são escritos desta forma no livro para supostamente não revelarem as verdadeiras identidades dos personagens mais importantes envolvidos na história.

precisamente no ponto em que ainda me seria possível fruir na terra um pouco de prazer [...].

[...] Que gente esta cuja alma, está inteiramente amarrada à etiqueta, aplicando, durante anos, todos os seus pensamentos e esforços em manter-se rigidamente à mesa! (GOETHE, 2002: p. 283)

A gota d'água dessa situação é uma cena que desenrolou-se na casa do “Conde C...”, onde Werther se sente diretamente afrontado. No meio da festa, as pessoas olhavam Werther “arrebizando o nariz”, e “cochichavam” apontando-lhe: a reunião não era digna de sua condição social. Até a “srta. de B...”, com quem Werther tinha expressado simpatia, “não falava com a sua habitual franqueza, mas com um ar um tanto embaraçado”. Está claro nesta cena que o que interessou nesta pequena reunião foram os relacionamentos tidos como meramente “formais” pelo jovem Werther. Chegam a pedir que Werther se retire da “sociedade”, e ele manda a “sociedade para o diabo”, abandonando o recinto.

Procurou-se sumariamente destacar, por meio desses fragmentos, como as atitudes de Werther diante dos outros personagens, apontam para uma outra dimensão de sociabilidade, tão importante à constituição da opinião pública no século XVIII – tal como a caracterizam alguns autores (PALLARES-BURKE, 1995; DARNTON, 1996; VENTURI, 2003). Como aparece retratado no livro, se Werther não rejeita de forma absoluta as distinções sociais, suas ações e sentimentos apontam para uma outra forma de lidar com os relacionamentos sociais. É valorizando o “autêntico”, o natural, expressos na sua relação com aqueles que lhe foram “simpáticos”, tidos em oposição às formalidades sociais e às “mesquinhas políticas”, que o personagem de J. W. Goethe pretende se situar nas transformações daquele século XVIII.

Cabe ainda destacar que, se seguirmos essa interpretação geral da obra, percebemos como ao longo do livro, Werther não consegue exprimir, tal como tenciona, as suas *potencialidades interiores*. Apesar delas não se restringirem unicamente ao seu “foro privado”, já que Werther procura manifestá-las em outros espaços e situações, ele precisa relacionar-se com outras pessoas e valores. Porém, tanto em relação à Carlota, quanto à tentativa de trabalho na embaixada, é obrigado a refugiar-se diante das “idéias previamente estabelecidas”, tão duramente criticadas em algumas passagens do livro; ainda sem conseguir exprimir em toda a sua intensidade suas “qualidades essenciais”.

A intensidade de sua relação com Carlota acaba por representar a sua última esperança: só a força do amor poderia romper essas barreiras e refundar outro tipo de relacionamento diante da vida⁹; mas mesmo essa acaba sendo frustrada pelos “preconceitos” e circunstâncias descritas minuciosamente no final da obra. Werther em um ato tenso e de auto-superação acaba por cometer o suicídio. No entanto, como ele mesmo defendera ao longo do livro, em uma conversa com Alberto, um suicídio não era simplesmente um ato de fraqueza; era o transbordamento do seu próprio “fogo interior”, comparável à loucura ou mesmo a uma revolução social. Existia algum lugar para Werther em uma sociedade “previamente hierarquizada”?

Considerações Finais

Ó grande Deus, haverá, então, só uma das faculdades da minha alma que não possa ser aproveitada? Perante ela, não podia eu desdobrar inteiramente esta maravilhosa sensibilidade graças à qual meu coração envolve toda a natureza? (GOETHE, 2002: 225)

Como procuramos explorar, algumas dimensões de *Os sofrimentos do jovem Werther* apontam para a emergência de novas experiências de sociabilidade que se constituíam em meio às

9. J. W. Goethe é conhecido por defender que somente através do *amor* o homem conseguiria transcender os confinamentos de seu espírito e fundar outro tipo de sociedade.

complexificações ocorridas no espaço público no século XVIII. Essas novas e sutis modalidades foram movimentadas por transformações históricas nas próprias práticas sociais, e estão fundamentalmente vinculadas à formação de relações sociais novas e modificadas e a alternativas complexas de pensamento privado e público. Novas concepções sobre o indivíduo, novos sentidos e tensões entre esse indivíduo e determinados papéis sociais, assim como transformações nas concepções sobre os espaços e as representações sociais, relacionam-se, pois, claramente a alguns domínios da obra analisada. Nesse sentido, a própria estruturação do livro intervinha na forma pela qual a leitura se constituía enquanto prática, redefinindo as relações entre o escritor e os leitores e colaborando para a formação de um espaço intermediador entre essas esferas. Também na narrativa da obra, a ênfase na dinâmica de determinados personagens indicava que suas “qualidade essenciais” deveriam ser expressas em todas as suas potencialidades – para além dos costumes “pré-estabelecidos” – esboçando a configuração de experiências históricas que necessitavam um lugar social diferenciado para a sua manifestação e expressão e que colaboraram para as transformações ocorridas do espaço público no período.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2002
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. “Werther”. In: *Fausto & Werther*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.
- MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos – Imprensa*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- NEVES, Lucia Maria Basto Pereira das. *Corcundas e Constitucionais: a cultura política da Independência 1820-1822*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EdUERJ/ Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. *The Spectator: o teatro das Luzes, diálogo e imprensa no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- POCOCK, J. G. A. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2005.
- PONTES, Heloisa. “Círculo de intelectuais e experiência social”. *Revista Brasileira de Ciências sociais*, vol. 12, n. 34, 1997.
- VENTURI, Franco. *Utopia e reforma no Iluminismo*. Bauru, EDUSC, 2003.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.